

PROGNÓSTICO AGRÍCOLA 1989/90  
amendoim da seca, cebola, feijão da seca e tomate

Antonio Ambrósio Amaro, Denise Viani Caser, Hiroshige Okawa, José Roberto Vicente, Lidia Hathue Ueno, Luiz Carlos Miranda, Luiz Henrique de Oliveira Piva, Malimíria Norico Otani, Mário Pires de Almeida Olivetti, Marisa Zeferino Barbosa, Marli Dias Mascarenhas, Nelson Batista Martin, Paul Frans Bemelmans, Waldemar Pires de Camargo Filho(1)

---

1. INTRODUÇÃO

---

O plantio das culturas da seca vem enfrentando a mesma situação das culturas das águas, ou seja, falta de recursos para crédito de custeio, elevados preços dos insumos e grande instabilidade nos mercados, fruto da situação de desgoverno por que passa o País. Dentro desse quadro, observa-se uma tendência de no máximo se manter em 1990 as mesmas áreas de 1989 com culturas da seca, o que representará uma menor oferta futura face as instabilidades climáticas pelas quais vêm passando a agricultura estadual na safra de 1989/90.

Assim, as indicações da política oficial de preços mínimos tornam-se neutras, fruto da defasagem desses preços face aos comportamentos dos preços dos insumos nos últimos meses, bem como do fato de que enquanto os preços dos fatores são cotados em BTNFs, os preços mínimos em BTN, defasando-os ainda mais.

Ao mesmo tempo, a safra de 1990 vai enfrentar uma comercialização difícil cujo resultado é de difícil previsão. Pois, ao mesmo tempo em que se defronta com taxas de inflação acima de 70% ao mês e taxas reais de

juros da ordem de 4% a 7% ao mês, os agentes de comercialização adquirem os produtos agrícolas na medida necessária para o consumo no curtíssimo prazo, e dada a baixa disponibilidade de recursos para EGF e AGF à taxa de juros oficial, os produtores terão dificuldade de vender sua safra, resultando em preços reais negativos afetando a renda do setor.

Assim, de acordo com o orçamento da União, recentemente sancionado pelo Presidente da República, para 1990, prevê-se recursos da ordem de NCz\$17,8 bilhões para EGF e de NCz\$5,7 bilhões para AGF, a preços de janeiro de 1990, para a comercialização da safra de 1989/90. Esses recursos possibilitarão o financiamento via EGF, de não mais que 8,7 milhões de toneladas de grãos e a aquisição de apenas 1,7 milhão de toneladas, via AGF. Esses recursos se configuram numa tendência de redução na participação do Governo na comercialização dos produtos agrícolas.

Diante desse quadro, as primeiras estimativas de safra confirmam as informações de que

---

(1) Técnicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

haveria um recuo nas áreas plantadas e possivelmente nas produtividades médias de diversas culturas. Essas previstas reduções de produção viram-se agravadas pelas perdas provocadas por adversidades climáticas (chuvas excessivas e veranico) que atingiram algumas das atividades e regiões produtoras do Centro-Sul do País nos últimos três meses, o que levará a uma redução entre 5% a 10% da safra brasileira de grãos de 72 milhões de toneladas colhidas em 1989.

Esta é a situação a ser enfrentada pelo novo Governo Federal, que assume o poder no início de uma safra reduzida que exigirá uma ação imediata, visando viabilizar a comercialização da nova safra, reduzindo as perdas dos produtores e o bem-estar dos consumidores brasileiros.

## 2. ACOMPANHAMENTO DA SAFRA PARA CULTURAS DE VERÃO E PERENES

Esta análise visa atualizar as informações publicadas pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) nos Prognósticos de agosto e novembro de 1989, incorporando dados do levantamento para previsão de safras levado a campo em novembro de 1989 e um levantamento destinado a estimar as perdas de safra, efetuado pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) em meados de janeiro de 1990, provocadas por chuvas intensas em dezembro de 1989 e janeiro de 1990 no Estado de São Paulo. Até então, várias regiões do Estado vinham sofrendo, devido a deficiências hídricas, atrasos nos plantios ou prejuízos no desenvolvimento das culturas das águas e culturas perenes, problemas que desapareceram com as chuvas.

A Divisão Regional Agrícola (DIRA) de Registro estima, como consequência da enchente do Rio Ribeira, perdas de 31% da safra de arroz, 9% da de banana, 5% na de olerícolas e 2% de perdas na safra de milho.

A região de Moji das Cruzes, na DIRA de São José dos Campos, estima perdas elevadas nas produções olerícolas (60% nas folhosas e 40% nos legumes), além de atrasos nos plantios; as demais áreas não foram prejudicadas.

Na DIRA de Sorocaba, as perdas de safra devem atingir 20% para o algodão e o tomate envarado e 15% para o feijão das águas (especialmente em Capão Bonito, São Miguel Arcanjo, Pilar do Sul, Itapeva e Ribeirão Branco), além das olerícolas (atingindo, no caso da alface, cerca de 30%). Produtos como o arroz e o milho foram beneficiados pelas chuvas.

Em Campinas, as culturas mais atingidas pelas chuvas foram a de batata das águas, de feijão das águas e de algodão, com perdas estimadas em

35%, 20% e 10%, respectivamente.

A DIRA de Ribeirão Preto estimou perdas de 5% a 10% para o algodão (na região de Ituverava) e de 30% para o feijão das águas; as demais culturas foram beneficiadas.

O feijão das águas foi a cultura mais atingida na DIRA de Bauru (30%), onde estima-se, também, quebras de safra de algodão e amendoim das águas (20%), milho e arroz (5%). Para café, cana-de-açúcar e pastagens, as chuvas foram benéficas.

Na DIRA de São José do Rio Preto, as culturas para as quais estimam-se perdas são as de algodão (9%), de amendoim das águas (8%), de milho (5%), de arroz (4%) e da próxima colheita de laranja (15%).

Perdas de 35% para o amendoim das águas, 10% para o algodão, 8% para o milho e 3% para a soja, são as estimativas da DIRA de Araçatuba.

Na DIRA de Presidente Prudente, registraram-se alguns dos maiores percentuais estimados para as quebras de safra: 50% para o feijão das águas, 40% para o amendoim das águas, 30% para a melancia e 15% para o algodão, além das dificuldades no escoamento de hortaliças e leguminosas.

A DIRA de Marília estima suas perdas em 30% para as lavouras de tomate envarado e rasteiro e de amendoim das águas, 28% para o feijão das águas e 20% para a melancia.

Ponderando-se os percentuais referentes às principais culturas pela produção de cada DIRA, conforme os dados do levantamento IEA/CATI de novembro, chega-se às estimativas de perdas de safra para o Estado de São Paulo (quadro 1).

Após o excesso de chuvas, a situação inverteu-se e, no começo de fevereiro, várias regiões do Estado começaram a sofrer problemas de

deficiências hídricas. Fevereiro é, historicamente, um mês em que condições do tempo adversas afetam severamente a produtividade; portanto, se essa situação persistir as quebras de safra poderão ser ainda mais ele-

vadas.

Uma análise por produto permite traçar um panorama mais atualizado das perspectivas da oferta de curto prazo para algumas das mais importantes culturas no Estado de São Paulo.

QUADRO 1.- Produção Esperada e Perdas Estimadas Devido ao Excesso de Chuvas, Estado de São Paulo, Ano Agrícola 1989/90

Cultura	Produção esperada(1) (1.000t)	Perdas devido às chuvas (2)	
		(1.000 t)	(%)
Algodão	575	63	11
Amendoim das águas	108	15	14
Arroz	435	5	1
Banana	1.245	109(3)	9
Batata das águas	204	23(4)	11
Feijão das águas	138	21	15
Laranja	11.987	540(5)	5
Melancia	139	22	16
Milho	3.516	58	2

(1) 2o. levantamento, novembro de 1989.

(2) Levantamento efetuado em meados de janeiro de 1990.

(3) Refere-se a perdas na DIRA de Registro.

(4) Refere-se a perdas na DIRA de Campinas.

(5) Refere-se a perdas na DIRA de São José do Rio Preto.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA) e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI).

#### ALGODÃO

A 2a. Previsão de Safras do IEA, realizada em novembro de 1989, estima que foram cultivados no Estado 306 mil hectares na presente safra, apontando acréscimo de 26% em comparação à do ano passado. Tal aumento confirma a expectativa inicial provocada pelo comportamento dos preços diante da diminuição da oferta registrada em 1988/89 e pelo nível do estoque final em 1989, o menor dos últimos

anos.

O aumento da produção, porém, não deverá ocorrer na mesma proporção do acréscimo da área, uma vez que a limitação de recursos para custeio teria implicado em redução na utilização de insumos, comprometendo a produtividade da safra. Como agravante, o excesso de chuvas seguido por forte calor forçando a abertura precoce dos botões ou derrubando as cargas das plantas vêm prejudicando o desenvolvimento nesta fase final do

cultivo. As perdas estão estimadas em 11%, reduzindo a estimativa para perto de 500 mil toneladas de algodão (448,5 mil toneladas em 1989).

#### ARROZ

No levantamento do IEA-CATI, confirmou-se a redução da área cultivada com arroz em São Paulo. De outra parte, as perdas por adversidades climáticas foram pouco expressivas e não deverão alterar as estimativas iniciais para a produção, ou seja, uma redução da ordem de 7% em confronto com a colheita anterior (469,8 mil toneladas). Contudo, devido ao verão de fevereiro, a colheita poderá apresentar uma queda mais elevada.

#### BATATA

O plantio da safra das águas realizou-se, normalmente, como mencionado no prognóstico das culturas das águas. Entretanto, o excesso de chuvas em dezembro e janeiro prejudicou a qualidade e a produção em aproximadamente 11% do total estimado em novembro para essa safra.

#### CEBOLA

Em plena safra de claras precoces, em agosto de 1989, foi avaliado que havia um excedente de oferta e que o mercado poderia reagir no princípio de 1990. O que aconteceu realmente foi que houve, em outubro, um ajuste dos preços em patamares acima daqueles praticados até setembro, apenas como compensação dos custos e serviços de comercialização, não ocorrendo aumento real de preços que ultrapassasse os índices inflacionários. O que se pode prever é que até abril todo o estoque catarinense e gaúcho deverá ser vendido e com preços que acompanharão o índice inflacionário, remunerando o produtor à altura

dos investimentos com a lavoura, podendo até auferir lucros. A partir de abril, o aumento real ficará dependendo da magnitude da produtividade e da safra soqueira de Piedade e inclusive do seu retardamento, além das medidas político-econômicas ao nível federal.

#### FEIJÃO

Como foi prognosticado, ocorreu expansão da área cultivada com feijão das águas no Estado de São Paulo. De acordo com o levantamento do IEA-CATI, a área aumentou em 58,3% em 1989/90, relativamente ao ano anterior. Porém, as chuvas excessivas provocaram perdas avaliadas em 15% em relação à produção esperada de 138 mil toneladas e que seria 43,8% superior à mesma safra em 1988/89 (102,7 mil toneladas).

#### MILHO

A lavoura de milho na safra 1989/90, em pleno desenvolvimento na Região Centro-Sul do País, não sofreu danos muito sérios com as intensas chuvas de fins de dezembro de 1989 até meados de janeiro de 1990.

A produção, contudo, deverá ser menor que a anteriormente prevista, em função de queda da produtividade, devido ao uso restrito de fertilizantes e redução de área plantada.

Especificamente na região de Ribeirão Preto, os produtores de soja de variedades precoces poderão plantar "milho de safrinha" em fevereiro, após a colheita da oleaginosa.

#### LARANJA

Em outubro de 1989 antevia-se um novo aumento na produção de laranjas para a safra 1989/90 diante das exuberantes floradas que então ocorriam nos pomares paulistas, o que

inclusive chegou a provocar significativa queda nas cotações internacionais do suco concentrado congelado e, como consequência, na estimativa de preço a ser recebido pelo citricultor (US\$2,00 a 2,30/caixa) na safra que estava sendo colhida (estimada em 296,6 milhões de caixas).

Todavia, uma série de fatos vieram a alterar radicalmente essas perspectivas, dentre os quais pode-se destacar: a) ocorrência de dias quentes e noites muito frias, com fortes contrastes térmicos nas regiões produtoras, assoladas por ventos que passaram a derrubar os frutos chumbinhos dos pés; b) como a colheita em 1989 começara atrasada, havia ainda muita fruta amadurecendo nas plantas, agravando a derriça natural, ainda mais que, em geral, os tratamentos culturais no início da safra não haviam sido feitos a contento, pois os custos de insumos (adubos e defensivos) vinham se elevando rapidamente, enquanto as perspectivas de preços eram desestimulantes; c) fortes e constantes chuvas em dezembro e janeiro provocaram perdas tanto na fruta em fase de colheita como na produção vindoura; d) trata-se de um ano de menor produtividade no ciclo bienal da cultura.

De outra parte, há que se assinalar que na Flórida (EUA), uma geadada de fortes proporções (24-25/12/1989) provocou uma grande perda na produção de laranja em plena fase de colheita (cerca de 29%) e, principalmente, na produção de suco concentrado estimada em 50% da inicialmente prevista, além da morte de milhares de plantas ainda não quantificadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

Esses fatos provocaram acentuada elevação nos preços do suco, a ser ainda exportado pelo Brasil na safra industrial 1989/90 e imediata valorização da matéria-prima que poderá situar-se ao redor de US\$3,50/caixa. Tal nível de preço poderá perdurar ou até mesmo aumentar para a próxima

temporada, visto que nos meios citrícolas, no momento, passou-se a estimar uma safra menor tanto em São Paulo como na Flórida, sendo evidente o clima de firmeza do mercado que tomou conta de todo o setor citrícola, completamente diverso daquele que predominava no início da safra agrícola 1989/90.

#### •BANANA

A primeira estimativa de safra 1989/90, levantada pela Coordenação de Assistência Técnica Integral (CATI) e Instituto de Economia Agrícola (IEA), em novembro de 1989, indicou uma área plantada de 46,2 mil hectares (46,8 mil hectares em 1988/89) que deveria proporcionar uma produção de 1.245,3 mil toneladas (1.089,5 mil toneladas em 1988/89). No entanto, as intensas chuvas em dezembro e janeiro últimos, que provocaram inundações no Vale do Ribeira, reduziram a estimativa de produtividade de 27t/ha para 23t/ha, o que deverá proporcionar uma produção de 1.062,3 mil toneladas.

AMENDOIM DA SECA

Panorama Internacional

A produção mundial de amendoim sem casca em 1989/90 está estimada pela Oil World Weekly em 15,3 milhões de toneladas, 8,0% inferior à da temporada anterior. A expectativa inicial de aumento foi frustrada, principalmente, pela diminuição da produção da China, onde problemas climáticos prejudicaram as lavouras causando uma redução de 12,0% em comparação à safra passada, devendo alcançar 3,5 milhões de toneladas. As condições climáticas também foram desfavoráveis na Índia, onde a despeito do aumento na área cultivada, a produção deverá ser 16,4% menor, alcançando 5,1 milhões de toneladas. Enquanto isso a previsão de colheita de 1,4 milhão de toneladas nos Estados Unidos confirma a estimativa inicial de aumento de 1,2% da sua produção.

Em 1989/90 está previsto esmagamento de 9,0 milhões de toneladas, contra 10,0 milhões em 1988/89, enquanto que tanto as exportações quanto as importações deverão apresentar decréscimos de 4,2% e de 0,9%, respectivamente, destacando-se a redução de 3,7% nas aquisições de amendoim sem casca da Comunidade Econômica Européia (CEE), principal bloco importador. Assim, a redução da oferta não deverá ocasionar oscilação significativa nos preços.

Quanto ao óleo de amendoim, a mesma fonte estima queda de 10,9% na produção mundial que deverá alcançar 3,6 milhões de toneladas nesta temporada. O comportamento do comércio não deverá ser diferente daquele previsto para o produto in natura, uma vez que

as importações deverão totalizar 315,8 mil toneladas, 11,5% inferior à safra passada, o mesmo ocorrendo com o consumo estimado em 3,7 milhões de toneladas, apontando retração de 9,8% relativamente ao de 1988/89.

A diminuição da ordem de 8,8% no estoque final de óleo de amendoim, em 1988/89, atribuída a uma variação no consumo superior a da produção daquele ano-safra, determinou significativa recuperação das cotações internacionais, cuja média anual de 1989 situou-se em US\$775/t, a mais elevada dos últimos três anos (quadro 2).

Para 1989/90, a despeito da previsão de redução no consumo, o estoque final deverá apresentar diminuição de 18,0% comparado com o do ano anterior, em decorrência da retração na produção dos principais países produtores. Tal fato, entretanto, não deverá determinar fortes elevações nos preços no decorrer de 1990, dada a redução de 9,5% nas importações da CEE (responsável por aproximadamente 75% das importações mundiais de óleo de amendoim) em função de preços mais atrativos de outros óleos vegetais, principalmente de girassol.

No Brasil, as exportações de óleo de amendoim bruto e refinado, segundo fontes privadas, totalizaram 5,5 mil toneladas em 1989 (ano civil), volume 69,7% inferior àquele registrado pela Carteira de Comércio Exterior (CACEX) em 1988, fato atribuído à redução da disponibilidade interna de produto para esmagamento. Para a safra de 1989/90 (outubro/89 a setembro/90), a Oil World Weekly prevê que as exportações brasileiras deste derivado deverão alcançar 15,0 mil toneladas contra 8,5 mil toneladas registradas de outubro/88 a setembro/89.

## \* Situação Interna

A produção nacional de amendoim em casca na temporada 1988/89 apresentou redução de 9,8% em relação ao ano anterior, segundo a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tendo totalizado 155.000t, correspondendo 118.000t às safras das águas e 37.000t da seca. Para a área da safra das águas 1989/90, a mesma fonte estimou aumento de 8,0% em relação à colhida no ano passado, devendo ter atingido 63.515ha revertendo o processo de retração no cultivo desta oleaginosa.

No Estado de São Paulo, as estimativas do Instituto de Economia Agrícola (IEA) indicam que na safra das águas 1989/90 foram cultivadas 50.400ha, apontando acréscimo de 5,0% em comparação a 1988/89. Entre as principais regiões produtoras, na Divisão Regional Agrícola (DIRA) de Ribeirão Preto, destinou-se ao amendoim 23.970ha, ou seja, uma área 8,8% superior à anterior, aumento impulsionado pelo comportamento dos preços em 1989, enquanto que na DIRA de Marília registrou-se diminuição de 6,8% alcançando 12.300ha, retração atribuída à escassez de recursos para financiamento. A ocorrência de chuvas contínuas prejudicou a colheita na região de Marília, onde se estimam perdas de 30%. Em Ribeirão Preto, as más condições climáticas não afetaram esta operação, uma vez que foi iniciada após o período chuvoso.

Durante os últimos três anos, observou-se uma recuperação gradativa dos preços reais recebidos pelos produtores, alcançando os mais altos níveis no primeiro semestre de 1989 quando a redução da oferta e a boa qualidade do produto garantiram significativa recuperação da rentabilidade econômica. Entretanto, com o enfraquecimento da comercialização a partir de julho, pela queda na demanda após as festas juninas e pelos custos de estocagem, houve forte retração dos preços, os quais alcançaram no último

trimestre de 1989 níveis inferiores àqueles registrados em 1987, contrariando inclusive a expectativa de aumentos reais por ocasião da entressafra, como registrados em anos anteriores (quadro 3).

A comercialização da safra das águas 1989/90 vem se processando lentamente face as aquisições relativamente pequenas por parte dos comerciantes diante das despesas de armazenamento. O preço praticado atualmente de NCz\$120,00/sc.25kg, a despeito de apresentar aumento nominal de 88% em relação ao de dezembro/89 e situar-se 60,0% acima do preço mínimo, ainda é inferior em 30%, em média, aos custos operacionais totais de produção estimados pelo IEA em NCz\$164,82/sc. na DIRA de Ribeirão Preto (92sc./ha) e de NCz\$175,27/sc. em Marília (79sc./ha), corrigidos a preços de fevereiro.

Para a safra da seca 1989/90, na DIRA de Marília com rendimento de 62sc./ha, o IEA estima o custo operacional efetivo em 796,19 BTN/ha, enquanto que o Valor Básico de Custeio (VBC) total fixado para esta faixa de produtividade de 354,92 BTN/ha, cobre apenas 44,6% dessas despesas. Considerando-se os limites de financiamento estabelecidos em 80%, 50% e 30% para pequenos, médios e grandes produtores, a relação VBC/custos de produção cai significativamente, correspondendo a apenas 36%, 22% e 13%, respectivamente do custo operacional (quadro 4).

Assim, a área a ser cultivada na safra da seca no Estado de São Paulo deverá ser influenciada pela limitação de crédito à cultura, podendo situar-se abaixo dos 18,25 mil hectares plantados no ano passado. Mais ainda, devido aos prejuízos que os agricultores tiveram na safra das águas em Marília (maior região produtora paulista de amendoim da seca), a utilização de recursos próprios na próxima safra deverá ser limitada, o que deverá comprometer a produtividade da cultura e agravar os custos unitários.



## CEBOLA

A área de cultivo estimada no Brasil em 1989 é de 73,6 mil hectares e a produção esperada de cebola, segundo o IBGE, será de 774,8 mil toneladas. A distribuição da produção durante o ano por Regiões é de 13% para o Nordeste, 45% no Sul e 37% em São Paulo (maior produtor no Sudeste), cada uma com peculiaridades de cultivo próprio (quadro 5).

A cebola produzida no Sul (Santa Catarina e Rio Grande do Sul) é quase na totalidade a baía piriforme que colhida em novembro e janeiro tem a função de abastecer o País no período janeiro a abril, predominantemente. Tão logo terminam os estoques dessa safra em abril, entra no mercado a produção soqueira de Piedade que também é piriforme, mas produzida através de cultivo de bulbinhos com a finalidade de abastecer o País de maio e junho. A colheita se inicia em abril e termina sua comercialização em julho. A partir de julho é que as claras precoces (sementes importadas com predomínio das híbridas e texas) cultivadas no Nordeste (Bahia e Pernambuco) e em São Paulo abastecem totalmente o País até outubro.

Nesse contexto, como o consumo se dá com pequenas variações na quantidade durante os meses, os problemas graves no abastecimento, com fortes oscilações de preços, só ocorrem por excesso de oferta ou forte quebra de safra. Assim, desde março de 1986 (Plano Cruzado) até o Plano Verão (janeiro de 1989), como a quantidade produzida de cebola não teve alterações exageradas, os preços sofreram apenas oscilações normais dentro do padrão de variação estacional (figura 1).

A produção de cebola de soqueira iniciada com o plantio de bulbinhos em fevereiro na região de Piedade, no Estado de São Paulo, encontra-se em crise peculiar de um produto agrícola. Os altos custos de produção desestimulam os produtores, visto que

os recursos financeiros oferecidos pelos bancos, além de escassos e defasados, exigem elevada remuneração. Dessa maneira, o produtor que pretende plantar deverá atrasar o plantio, reduzir em cerca de 10% a área cultivada (total de 4.000ha) e usar mais recursos próprios.

Em Piedade, o custo operacional da produção de cebola de bulbinho em 1990 está estimado pelo IEA em NCz\$67.747,00 ou 4.746,63 BTN's. Cerca de 72% do custo operacional se dá em função do uso das máquinas, insumos e encargos financeiros e 28% do custo devido à mão-de-obra, empreita e o bulbo-semente (quadro 6).

A estimativa do custo operacional por unidade com a produtividade esperada (20 toneladas por hectare), é de NCz\$3,40 por quilograma que é o valor que o produto deverá receber visando apenas ressarcir seus empréstimos e reposição de capital. Porém, a análise conjuntural de mercado em fevereiro evidencia claramente uma difícil posição. O produtor no Sul recebeu em meados de fevereiro NCz\$1,00 por kg, e no mercado atacadista da cidade de São Paulo, as transações, ocorreram na faixa de NCz\$3,50 a NCz\$4,50 por kg, mostrando que o preço no atacado paulistano hoje não cobre o custo mesmo que ocorra aquela alta produtividade. Diante desse contexto, a safra de bulbinho em Piedade deverá sair com atraso, entrando no mercado com predominância em meados de maio a fins de junho.

Por outro lado, os produtores de cebola de muda do Sul procuram reter seus estoques apostando numa melhoria dos níveis de preços. Quanto à safra de claras precoces (julho a outubro), cuja produção exige a formação de canteiros nos Estados de Pernambuco, Bahia e São Paulo, no período março-abril, a situação ainda é uma incógnita pois os preços ao nível de comercialização no momento não se mostram estimulantes aos produtores em comparação aos custos de produção.

Finalmente, vale observar que o consumo de cebola, por tratar-se de um tempero, é dependente das quantidades consumidas de arroz, feijão e trigo, produtos alimentares que vêm sendo afetados pela crise econômica financeira que o País atravessa. Desse modo, caso ocorra uma recuperação salarial de grande parcela de consumidores, poderá haver uma influência positiva no mercado de cebola, acompanhando a escala de consumo dos demais produtos, o que somente poderá ser a fazer sentir a partir de abril adiando-se, portanto, a decisão dos produtores.

#### FEIJÃO DA SECA

A previsão inicial de incremento de 30% na área plantada de feijão das águas (1a. safra) foi superada em muito conforme verificou-se no 2o. levantamento de Previsões e Estimativas de Safras realizado em novembro de 1989 pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) em conjunto com o Instituto de Economia Agrícola (IEA). O referido levantamento estimou uma área cultivada de 182.100ha no Estado de São Paulo, 58,4% superior aos 115.000ha da 1a. safra de 1988/89 e produção de 138.000t, ou seja, 43,8% a mais que a quantidade produzida na mesma safra do ano anterior (96.000t). Entretanto, a queda na produção em relação à estimativa inicial ficou em torno de 15%, devido aos excessos de chuva no período de colheita.

Além do fator climático desfavorável, a queda na produtividade já era esperada, uma vez que os produtores reduziram significativamente o uso de adubos e defensivos, por estarem descapitalizados ou pelos altos custos acarretados pelas taxas de juros para custeio desses insumos, ou até mesmo pela inexistência de recursos oficiais, aos quais os produtores pudessem ter acesso.

Esse panorama pode ser com-

provado observando-se, por exemplo, o comportamento da safra paulista das águas em 1987/88 e 1988/89, cujos rendimentos médios foram, respectivamente, de 893kg/ha e 835kg/ha, contra uma produtividade média inicialmente estimada de 758kg/ha para 1989/90 e que poderá ter ficado em 642kg/ha, ou seja, uma das mais baixas desde 1983/84.

Devido a esses fatores que limitaram o aumento de produção, fato que também se observou em Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, outros importantes Estados produtores, os preços de feijão ao nível de produtor mostraram-se bastante elevados, só apresentando pequenas reduções em curtos períodos em que as quantidades ofertadas superavam demasiadamente a necessidade média de demanda e, em dezembro, quando tipicamente se observa uma procura menor (quadro 7).

A área a ser plantada na 2a. safra (feijão da seca) deverá aproximar-se de 162 mil hectares, ou seja, igual à média dos últimos três anos e praticamente a mesma área plantada em 1987. O plantio, tradicionalmente realizado em fevereiro, será retardado para março e abril, por conveniência climática e porque ainda existem áreas ocupadas com outras culturas que também sofreram atraso de plantio e/ou problemas de colheita (quadro 8).

A ampliação de área em relação a do ano passado está restrita a 10%, pelos mesmos problemas enfrentados na safra das águas, até pelo receio de que uma supersafra de feijão tenda a causar prejuízos aos produtores, pois poderá conduzir a preços quase sempre abaixo dos custos de produção, estimados pelo IEA em cerca de 36 BTN/saco para produtividade ao redor de 15 ou 16 sacas/ha na região de Sorocaba (quadro 9).

Outro fator limitante da ampliação da área plantada de feijão no Estado de São Paulo é a concorrência de outras tradicionais regiões produtoras. Neste aspecto, destaque

especial deve ser dado às regiões de Irecê e Barreiras no Estado da Bahia, que estão se posicionando como grandes produtoras de feijão, sendo que pelo menos metade de sua produção é destinada ao mercado da capital paulista.

A possibilidade de ocorrer redução de área plantada na próxima safra de feijão da seca é bastante remota pelos seguintes motivos: a) a produção da la. safra, ou das águas, com a colheita ainda em andamento, não está sendo suficiente para formação de estoques; quer ao nível privado como oficial, pois a Companhia de Financiamento da Produção (CFP) não conseguiu realizar significativas aquisições; b) os preços obtidos pelos produtores nos últimos três anos foram quase sempre superiores aos custos de produção; c) o ciclo da cultura do feijão é de apenas 90 dias, permitindo um rápido retorno dos investimentos.

Apesar da intenção do Governo em continuar estimulando a evolução da cultura do feijão, a determinação dos novos Valores Básicos de Custeio (VBCs) para a safra da seca 1990 não indicam essa disposição. O VBC para a faixa de produtividade entre 801 e 1.000kg/ha, por exemplo, foi determinado em 281,73 BTNs/ha, valor esse que corresponde a apenas 40,6% do custo operacional efetivo de 474,46 BTNs/ha estimado pelo IEA. Os novos VBCs, que não correspondem às verdadeiras necessidades dos produtores, provavelmente devem-se à reconhecida insuficiência de recursos financeiros oficiais.

Em resumo, se se concretizar o plantio de 162 mil hectares e a produtividade também for igual à média dos últimos anos = 732kg/ha = a produção deverá atingir algo como 120.000 toneladas (ou 2 milhões de sacas), quantidade essa 12% maior que a observada na mesma safra em 1989, porém, 20% inferior àquela colhida em 1988. Tais indicadores fazem antever um mercado capaz de remunerar satisfatoriamente o produtor, a menos que ocorra uma grande queda no poder aqui

sitivo dos consumidores, o que se afigura pouco provável.

Mesmo que em média venha a se registrar uma produtividade recorde (859sc./ha), ainda assim na área prevista para plantio, a produção estará abaixo das obtidas em 1985 e 1988, sendo praticamente igual à de 1986. Em um cenário de aumento de renda dos consumidores, os preços poderão se tornar ainda mais atrativos aos agricultores.

#### \*TOMATE

#### \* Tomate Envarado

No final de 1988, verificou-se diminuição na quantidade ofertada de tomate no mercado atacadista de São Paulo por ter cessado as entradas do produto de culturas rasteiras, haver terminado a colheita na Divisão Regional Agrícola (DIRA) de Campinas e nos Estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro e por ter ocorrido atraso no plantio na DIRA de Sorocaba. Entretanto, os níveis de preços reais declinaram nesse período devido à baixa qualidade do produto causada por fatores climáticos e a costumeira retração da demanda, que se verifica nos períodos de festas natalinas (quadro 10).

Já nos primeiros meses de 1989, o efeito causado pelo Plano Verão, implantado pelo Governo, e a grande transferência do produto para atendimento do consumo em outros Estados (do Sul, Norte, Nordeste e Sudeste) fizeram com que os preços de tomate atingissem patamares elevados, com cume em março, apesar do aumento nas quantidades ofertadas e do tabelamento das cotações de produtos hortícolas efetuados pela SUNAB a partir de 17/02/89, o qual não foi obedecido na prática.

O calor e o excesso de chuvas em janeiro e fevereiro de 1989 provocaram em abril, interrupção da colheita na DIRA de Sorocaba (Guapiara e Apiaí), que coincidindo com atraso no início da safra na DIRA de Campinas

(que ocorreu somente no final de maio de 1989), levaram a significativa e momentânea redução na oferta do produto. Mesmo assim, os preços mostraram tendência de queda em vista da grande participação de tomate rasteiro no mercado, que chegou a representar 20% do total da oferta em maio, o que normalmente se verifica apenas no segundo semestre. O produto foi vendido por NCZ\$8,00 a NCZ\$12,00/cx. 22kg, quando na indústria corresponderia somente a NCZ\$2,00/caixa.

O volume de tomate comercializado na CEAGESP, de junho a agosto de 1989, foi relativamente grande, dada a coincidência das safras de São Paulo (DIRA de Campinas), Minas Gerais, Rio de Janeiro e Goiás. Com demanda retraída e queda na qualidade do produto, os preços apresentaram brusca baixa em julho e agosto, momento em que não se verificava mais a participação do tomate rasteiro no mercado.

Para o tomaticultor da variedade envarada não sendo compensador enviar o produto ao mercado, quando na média era vendido por NCZ\$8,00 a NCZ\$12,00/caixa, tendo ainda deduções com despesas de transporte (NCZ\$0,80 a NCZ\$1,00/caixa), e de embalagem (NCZ\$2,10/caixa K), a opção preferida foi o descarte do produto ou o abandono da lavoura. Verificou-se, assim, em setembro, diminuição da oferta de tomate no mercado atacadista de São Paulo e consequente elevação de preços.

No final de agosto reiniciaram-se novas instalações da cultura na DIRA de Campinas para compensar as perdas de junho e julho, ocorrendo o término de safra em dezembro, anteriormente previsto para final de outubro.

Na DIRA de Sorocaba, o plantio (normalmente realizado em agosto/setembro) foi postergado para final de outubro até dezembro de 1989. Assim, a maior parcela da colheita estava prevista para fins de fevereiro e março de 1990 com encerramento em

maio. No entanto, a rápida maturação dos frutos, que tem se verificado desde a última semana de dezembro de 1989, e o ataque de doenças (requeima e cancro bacteriano), causadas por excesso de chuvas e altas temperaturas, poderão prejudicar a produção e antecipar o término dessa colheita.

Há informação de que houve diminuição na área de plantio de cerca de 20% do total previsto na DIRA de Sorocaba, por ser mais interessante aos tomaticultores optarem por aplicações financeiras mais rentáveis em contraposição à grande incerteza de retorno de sua atividade agrícola e posterior comercialização. Ademais, os empréstimos para custeio, incorrem em custos elevados.

Também na DIRA de Campinas, poderá haver redução na área de plantio de tomate, no primeiro semestre de 1990, pois os produtores estão buscando culturas alternativas como pimentão, berinjela, abobrinha, pepino e vagem que seriam mais rentáveis.

Outrossim, a saída de nipônicos e descendentes para o Japão em busca de trabalho com melhor remuneração ("dekassegui") estariam causando abandono de atividades hortícolas, comprometendo o setor.

O custo operacional efetivo estimado pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) para tomate envarado na região de Sorocaba, na 2ª. quinzena de janeiro de 1989, foi de NCZ\$98,38/caixa ou de 6,98 BTN/caixa para uma produtividade de 2.089cx./ha. A despesa com adubos e corretivos (21%) teve maior participação seguida de embalagens (20%) e mão-de-obra (15%) (quadro 11).

#### Tomate Rasteiro

Em 1983, a colheita e o processamento do produto encerraram-se na primeira quinzena de novembro. De acordo com as informações da indústria, diferindo dos levantamentos do Instituto de Economia Agrícola (IEA),

a produtividade média da safra 1988 para o Estado de São Paulo foi cerca de 38 toneladas/ha, com produção total em torno de 400 mil toneladas. Entretanto, a indústria recebeu para moagem apenas 360 mil toneladas, visto que 10% da produção deve ter sido enviada ao mercado para consumo in natura (quadro 12).

Com o aumento da produtividade do produto paulista, constatado no segundo semestre de 1988 e a bem sucedida safra no Nordeste, a indústria pode ter suprimento satisfatório de matéria-prima.

Na primeira reunião realizada pelo Comitê de Agroindústria no início de dezembro de 1988 para negociação de preços para a safra 1989, nada ficou acertado, pois os tomaticultores pleitearam o preço de 11,5 Obrigações do Tesouro Nacional (OTNs) por quilograma do produto e a indústria oferecia apenas 7,0 OTNs. A estimativa de custo operacional apresentada nessa ocasião pelo IEA de CZ\$35,729/quilograma, acrescido de lucratividade de 30%, correspondia a 9,695 OTNs. Em outra reunião realizada em 26/01/89, a indústria propôs NCz\$47,50/t de tomate, acrescido da variação do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) do mês ou do substituto da OTN, que o Governo viesse a adotar, enquanto que os produtores propuseram NCz\$80,00/t. Posteriormente, em 28/02/89, foi oferecido pela indústria NCz\$50,44/t de tomate, enquanto que o custo calculado pelo IEA totalizava NCz\$58,77/t. Ressalte-se que esse custo foi considerado baixo porque a taxa de juros aplicada no cálculo de despesa com financiamento era de 12% ao ano mais IPC e nessa ocasião os tomaticultores não dispunham de fonte de recursos a essa taxa e tampouco obtinham empréstimo através da carteira de poupança verde.

Para a safra 1989, como ocorreu em anos anteriores, apesar de várias negociações de preços, não houve acordo no Comitê de Agroindústria. Entretanto, mesmo sem fixação de

preço, os tomaticultores efetuaram contratos de plantio com a indústria que pagaria NCz\$60,00 mais IPC por tonelada de tomate, quando na reunião de 28/02/89 fora pleiteado NCz\$80,00 mais IPC por tonelada.

A dificuldade na obtenção de financiamento para custeio, os fatores climáticos desfavoráveis ocorridos no início do ano e, principalmente, a indefinição de preços no Comitê de Agroindústria, levaram a atraso nos plantios da safra 1989, que foram efetuados da segunda quinzena de março a junho, havendo concentração de colheita de julho a setembro. A colheita do produto encerrou-se no final de outubro, exceto em Guaíra, onde o plantio ocorrera pouco mais tarde. Isso causou perdas na lavoura e dificuldade na absorção de matéria-prima, principalmente, pelas fábricas de pequeno porte. As chuvas em agosto causaram ataque de bactérias havendo perdas na lavoura, que não atingiram a 5% da produção total. A área de plantio em relação ao ano anterior aumentou de 7,7% e a produção de 11,3%, de acordo com os levantamentos do IEA.

O preço pago pela indústria, em São Paulo, atualizado mensalmente pelo IPC, foi considerado baixo, devido a aceleração inflacionária. Em outubro, o preço médio pago pela indústria foi de NCz\$275,00/t de tomate. No Nordeste, após várias reuniões do Comitê, em março de 1989, foi acordado o preço de NCz\$60,00/t, que seria atualizado mensalmente, com base no custo operacional, acrescido de lucratividade de 20% a 30%. Em dezembro, o preço fixado foi de NCz\$484,73/t e em janeiro de 1990 a NCz\$744,30/t do produto.

O excesso de chuvas e ataque de traças provocaram quebra de cerca de 40% do total da produção nordestina. Todavia, o suprimento da indústria não deve ter sofrido comprometimento da mesma proporção, face a compensação da perda por produtos marginais existentes ao sistema de contratação pré-

via efetuada pela indústria.

No Estado de São Paulo, desde novembro de 1989, em várias negociações de preços havidas para a produção da safra 1990, não se obteve nenhum resultado, sob alegação de que a ocasião não seria propícia para determinação de preço, face a grande incerteza econômica do País. Entretanto, foi definido que o pagamento pela indústria, será baseado em BTN fiscal da segunda-feira da semana da entrega de tomate e será efetuado na sexta-feira da semana seguinte. Também, foi determinado que, havendo congelamento de preços pelo Governo, valerá o valor do último BTN em vigor. Considerando-se uma lucratividade de 30% sobre o custo operacional apresentado na ocasião pelo IEA, foi estimado um preço de 135 BTNs por tonelada de tomate.

O custo operacional efetivo estimado pelo IEA para tomate rasteiro, pressupondo uma produtividade de 40.472kg/ha, atinge NCz\$56.144,24/ha, o que corresponde a 3.933,68 BTNs/ha ou 97,19 BTNs/t (em valores médios da segunda quinzena de janeiro). Em termos de participação relativa, os gastos com defensivos são os maiores (33,9%) vindo a seguir operação de máquinas (21%), adubos e corretivos (18%) (quadro 13).

Caso não haja acordo e seja mantida a oferta proposta pela indústria de 100 BTNs/t de tomate, na reunião do Comitê realizada em 06/02/90, prevê-se que poderá ocorrer uma diminuição na área de plantio, de no mínimo 15%, em função de outros produtos serem mais atrativos, como o feijão, por exemplo.

Também, em Petrolina (PE), na reunião realizada na mesma data, o preço pleiteado foi de 135 BTN fiscal/t sendo oferecido os mesmos 100 BTNs/t de tomate, o que não foi aceito pelos tomaticultores. Todavia, como dentro do "Programa de Fomento a Culturas Irrigadas", através do Banco de Desenvolvimento do Estado de Pernambuco (BANDEP), há plano de financiamento de 5.000 conjuntos de

irrigação para pequenos produtores no Estado de Pernambuco, espera-se ampliação da área de cultivo do produto, pois cerca de 10 mil hectares de terra seriam destinados para produção de tomate.

QUADRO 2. - Cotações Internacionais de Óleo de Amendoim, 1987-89

(em US\$/t-CIF Rotterdam)

Mês	1987	1988	1989
Jan.	520	540	592
Fev.	500	503	630
Mar.	484	501	746
Abr.	507	515	753
Mai.	525	541	792
Jun.	513	637	802
Jul.	499	769	806
Ago.	467	696	820
Set.	469	649	798
Out.	502	606	813
Nov.	481	564	868
Dez.	530	563	877
Média	500	590	775

Fonte: Oil World Weekly.

QUADRO 3. - Preços Médios Recebidos pelos Produtores, Amendoim em Casca, Estado de São Paulo, 1987-89

(em NCz\$/sc.25kg)

Mês	Corrente			Real ( <sup>1</sup> )		
	1987	1988	1989	1987	1988	1989
Jan.	0,08	0,41	9,30	78,89	73,71	128,23
Fev.	0,07	0,50	10,95	60,50	76,41	135,04
Mar.	0,08	0,54	11,61	60,12	69,83	137,37
Abr.	0,08	0,60	12,09	50,07	64,48	136,02
Mai.	0,09	0,67	12,40	44,15	60,25	123,72
Jun.	0,11	1,12	19,85	42,87	83,36	156,24
Jul.	0,14	1,77	20,65	49,90	108,39	117,88
Ago.	0,18	1,92	25,32	61,40	95,67	105,91
Set.	0,24	2,53	29,13	75,79	100,24	87,71
Out.	0,28	2,90	34,01	79,55	90,06	73,30
Nov.	0,30	3,55	43,72	74,47	86,15	65,31
Dez.	0,34	5,08	63,97	72,82	95,65	63,97

(<sup>1</sup>) A preço de dezembro/89, deflacionado pelo Índice 2, da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).



QUADRO 4. - Estimativa de Custo Operacional da Cultura de Amendoim da Seca, DIRA de Marília (produtividade de 62sc.25kg), por Hectare, Estado de São Paulo, Safra 1989/90

Item	NCz\$		BTN (1)	Participação percentual (%)
	Por hectare	Por saca	Por Hectare	
Mão-de-Obra	1.119,00	18,05	78,40	8,41
Sementes	2.100,00	33,87	147,13	15,78
Aubos e corretivos	1.575,00	25,40	110,35	11,83
Defensivos	2.558,25	41,26	179,24	19,22
Operação de máquinas	4.011,55	64,70	281,06	30,14
Custo operacional efetivo	11.363,80	183,29	796,19	85,38
Depreciação de máquinas	1.548,42	24,97	108,49	11,63
Encargos financeiros	397,73	6,42	27,87	2,99
Custo operacional total	13.309,95	214,68	932,55	100,00

(1) Considerando-se o valor do BTN da segunda quinzena de janeiro=NCz\$14,2727.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO 5. - Área, Produção e Produtividade de Cebola no Brasil, 1988-89

Região e Estado	1988			1989		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)
Sul						
Santa Catarina	21.856	211.697	9.686	24.296	207.587	8.544
Rio G. do Sul	16.045	129.274	7.795	16.692	127.355	7.630
Nordeste						
Bahia	7.305	86.199	11.800	7.221	88.979	12.253
Pernambuco	2.346	28.416	12.113	3.230	35.598	11.021
Sudeste						
São Paulo (1)	15.860	259.300	16.350	14.980	278.100	18.565
Brasil	69.560	755.574	10.862	73.632	774.821	10.523

(1) A safra de soqueira ocupa 27% da área cultivada no Estado de São Paulo e produz 21% da produção no ano.

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - IBGE - Nov./89 e Informações Econômicas - Set./89 - Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO 6. - Estimativa de Custo Operacional da Cultura de Cebola de Bulbinho (produtividade de 1.000sc.20kg/ha), Tração Motomecanizada, por Hectare, DIRA de Sorocaba, Estado de São Paulo, Safra 1989/90

Item	NCz\$		BTN ( <sup>1</sup> )	Participação percentual (%)
	Por hectare	Por saca	Por hectare	
Mão-de-obra	6.863,10	6,86	480,86	10,13
Canteiro de bulbinho	4.505,00	4,51	315,64	6,65
Aubos e corretivo	11.734,92	11,73	822,19	17,32
Defensivos	12.058,58	12,06	844,87	17,80
Operação de máquinas	14.776,21	14,78	1.035,28	21,81
Empreita ( <sup>2</sup> )	997,50	1,00	69,89	1,47
Outros ( <sup>3</sup> )	6.700,00	6,70	469,43	9,89
<b>Custo operacional efetivo</b>	<b>57.635,31</b>	<b>57,64</b>	<b>4.038,15</b>	<b>85,07</b>
Depreciação de máquinas	7.518,27	7,52	526,76	11,10
Encargos financeiros	2.593,59	2,59	181,72	3,83
<b>Custo operacional total</b>	<b>67.747,17</b>	<b>67,75</b>	<b>4.746,63</b>	<b>100,00</b>

(<sup>1</sup>) Considerando-se o valor do BTN da segunda quinzena de janeiro=NCz\$14,2727.

(<sup>2</sup>) Refere-se à colheita feita por empreita.

(<sup>3</sup>) Refere-se à despesa com sacaria.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

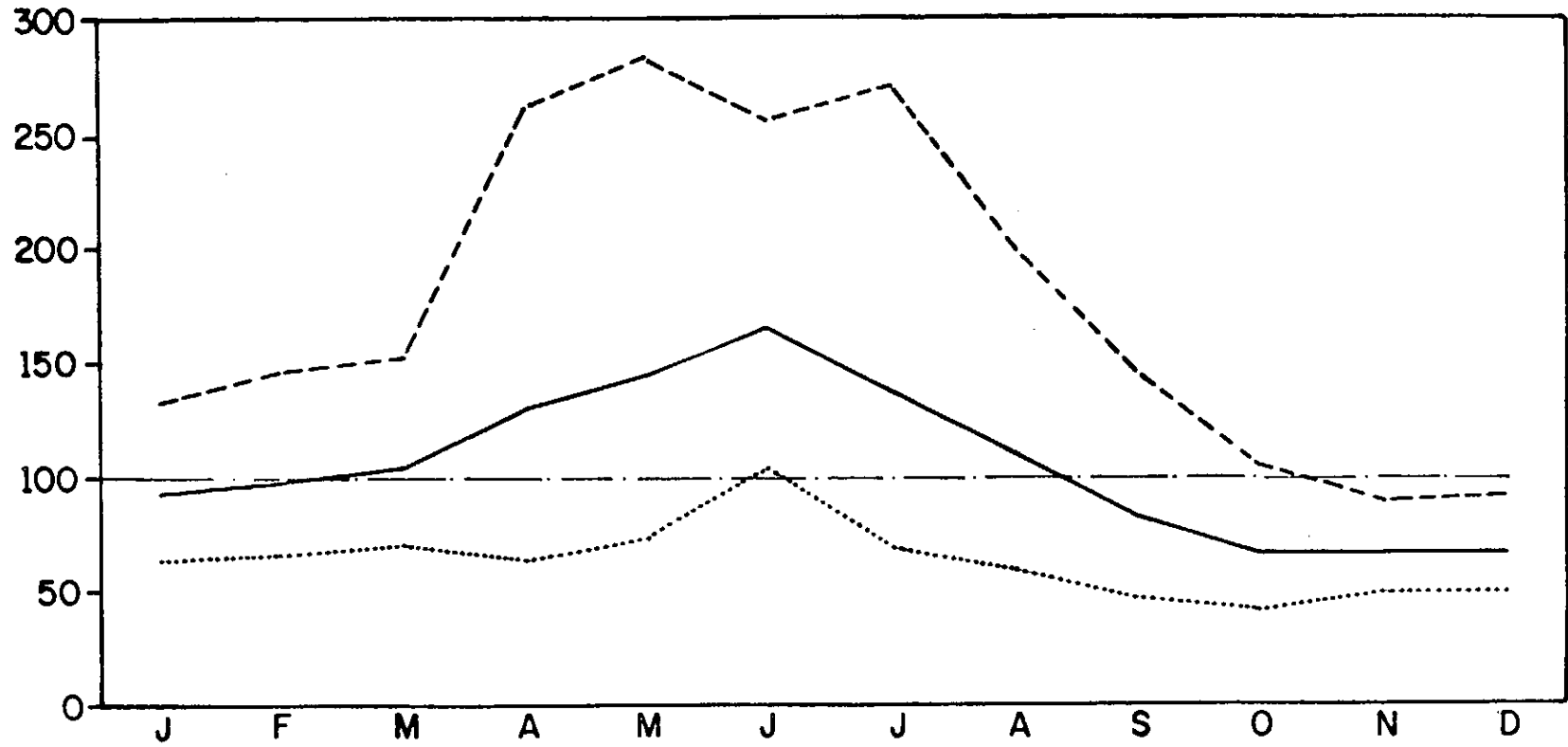


FIGURA 1. - Variação Estacional de Preços Médios de Cebola no Mercado Atacadista de São Paulo, 1984-88

QUADRO 7. - Preços Médios Recebidos Pelos Produtores de Feijão, Estado de São Paulo, 1987-89

(em NCz\$/sc.60kg)

Mês	Corrente			Real <sup>(1)</sup>		
	1987	1988	1989	1987	1988	1989
Jan.	0,40	1,68	30,96	394,46	298,44	426,89
Fev.	0,39	2,23	33,94	337,03	340,77	418,57
Mar.	0,54	3,38	37,13	405,83	437,11	439,34
Abr.	0,82	3,91	48,33	513,21	420,22	543,75
Mai.	1,28	4,06	75,27	627,91	365,11	751,02
Jun.	1,46	4,98	133,42	576,79	370,63	1.050,16
Jul.	1,44	5,54	132,22	513,31	339,24	754,79
Ago.	1,34	6,27	131,49	457,10	312,42	549,98
Set.	1,44	8,14	128,68	454,75	322,52	387,44
Out.	1,53	14,68	122,45	434,71	455,89	263,91
Nov.	1,66	18,39	217,25	412,05	446,28	324,54
Dez.	1,60	26,88	236,25	342,70	506,12	236,25

<sup>(1)</sup> A preço de dezembro/89, deflacionado pelo Índice 2 da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO 8. - Área, Produção e Rendimento da Cultura de Feijão da Seca, Estado de São Paulo, 1987-89

DIRA	Área(1.000ha)			Produção(1.000sc.60kg)			Rendimento (kg/ha)		
	1987	1988	1989	1987	1988	1989	1987	1988	1989
Registro	13,25	7,93	6,70	125	100	70	566	757	627
São José dos Campos	5,95	5,70	5,50	75	80	65	756	842	709
Sorocaba	107,90	127,90	100,80	1.100	1.900	1.270	612	891	756
Campinas	10,95	9,40	9,20	160	150	130	877	957	848
Ribeirão Preto	2,05	2,54	1,60	25	50	20	732	1.181	750
Bauru	1,60	1,98	1,40	20	25	15	750	758	643
S. José do Rio Preto	2,60	6,07	3,90	20	85	40	462	840	615
Araçatuba	4,10	5,33	9,80	45	70	80	659	788	490
Presidente Prudente	6,40	5,15	4,50	55	50	35	516	583	467
Marília	6,10	6,20	4,80	50	40	35	492	387	438
Estado	160,90	178,20	148,20	1.675	2.550	1.760	625	859	713

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA) e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI).

QUADRO 9. - Estimativa de Custo Operacional da Cultura de Feijão da Seca, por Hectare, DIRA de Sorocaba, Estado de São Paulo, Safra 1989/90

Item	Tração Motomecanizada (Produção de 16 sc.60kg/ha)				Tração Motomecanizada e Animal (Produção de 15 sc.60kg/ha)			
	NCz\$		BTN (1)	Participação percentual (%)	NCz\$		BTN (1)	Participação percentual (%)
	por hectare	por saca	por hectare		por hectare	por saca	por hectare	
Mão-de-Obra	974,00	60,88	68,24	10,33	1.180,20	78,68	82,69	15,24
Sementes	1.023,77	63,99	71,73	10,86	911,23	60,75	63,84	11,77
Aubos e corretivo	1.710,00	106,88	119,81	18,14	1.530,00	102,00	107,20	19,76
Defensivos	1.959,27	122,45	137,27	20,78	826,57	55,10	57,91	10,68
Operação de máquinas	2.443,42	152,71	171,20	25,91	2.098,83	139,92	147,05	27,11
Sacaria	240,00	15,00	16,82	2,55	225,00	15,00	15,76	2,91
<b>Custo operacional efetivo</b>	<b>8.350,46</b>	<b>521,90</b>	<b>585,07</b>	<b>88,56</b>	<b>6.771,83</b>	<b>451,46</b>	<b>474,46</b>	<b>87,46</b>
Depreciação de máquinas	869,51	54,34	60,92	9,22	801,30	53,42	56,14	10,35
Encargos financeiros	208,76	13,05	14,63	2,21	169,30	11,29	11,86	2,19
<b>Custo Operacional Total</b>	<b>9.428,73</b>	<b>589,30</b>	<b>660,61</b>	<b>100,00</b>	<b>7.742,43</b>	<b>516,16</b>	<b>542,46</b>	<b>100,00</b>

(1) Considerando-se o valor do BTN da segunda quinzena de janeiro = NCz\$14,2727.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO 10. - Preço e Quantidade de Tomate Comercializado no Entreposto Terminal de São Paulo, Janeiro de 1988 a Janeiro de 1990

Mês	Quantidade (cx.25kg)	Preço corrente (NCz\$/cx.25kg)	Preço real (dez.de 1988=100) <sup>(1)</sup> (NCz\$/cx.25kg)
1988			
Janeiro	1.202.970	0,26	46,45
Fevereiro	1.091.496	0,50	75,89
Março	1.347.965	0,55	71,73
Abril	955.391	1,04	111,93
Maio	947.897	1,33	119,84
Junho	833.982	1,62	120,45
Julho	798.953	1,60	97,74
Agosto	906.778	1,67	83,33
Setembro	974.758	2,35	93,27
Outubro	1.030.370	2,61	81,06
Novembro	896.645	2,85	69,08
Dezembro	798.103	3,39	63,84
1989			
Janeiro	872.290	8,96	123,54
Fevereiro	894.354	12,50	154,16
Março	983.862	21,83	258,30
Abril	752.441	17,80	200,26
Maio	927.447	16,16	161,24
Junho	1.013.515	9,86	77,61
Julho	965.240	7,44	42,47
Agosto	1.130.923	10,28	43,00
Setembro	929.984	33,49	100,83
Outubro	951.577	51,88	111,82
Novembro	862.812	69,98	104,54
Dezembro	823.123	70,31	70,31
1990			
Janeiro <sup>(2)</sup>	831.099	168,65	...

<sup>(1)</sup> Deflacionado pelo Índice Geral de Preços (coluna 2), da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

<sup>(2)</sup> Dados preliminares.

Fonte: Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP).



QUADRO 11.- Estimativa de Custo Operacional da Cultura de Tomate Envarado Produção 15.000 pés 2.089cx., por Hectare , DIRA de Sorocaba, Estado de São Paulo, Safra 1989/90

Item	NCz\$		BTN (1)	Participação
	Por hectare	Por caixa	Por hectare	percentual (%)
Mão-de-obra	31.828,00	15,24	2.229,99	15,49
Sementes	447,12	0,21	31,33	0,22
Aubos e corretivos	43.112,50	20,64	3.020,63	20,98
Defensivos	20.774,20	9,94	1.455,52	10,11
Operação de máquinas	25.185,76	12,06	1.764,61	12,25
Outros (2)	58.884,38	28,19	4.125,67	28,65
Custo operacional efetivo	180.231,96	86,28	12.627,74	87,69
Depreciação de máquinas	18.981,68	9,09	1.329,93	9,24
Encargos financeiros	6.308,12	3,02	441,97	3,07
Custo Operacional Total	205.521,76	98,38	14.399,64	100,00

(1) Considerando-se o valor do BTN da segunda quinzena de janeiro=NCz\$14,2727.

(2) Refere-se à despesa com copinhos para semeadura, arame, fita plástica, es tacas, mourões e caixas.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO 12.- Área, Produção e Produtividade da Cultura de Tomate, Estado de São Paulo, 1985-89

Ano	Tomate rasteiro-Estado de São Paulo			Tomate envarado-Estado de São Paulo			Tomate - Brasil		
	Área (ha)	Produção (1.000t)	Produtividade (t/ha)	Área (ha)	Produção (1.000t)	Produtividade (t/ha)	Área (ha)	Produção (1.000t)	Produtividade (t/ha)
1985	10.350	330,0	31,9	7.670	379,7	49,5	53.896	1.931,8	35,8
1986	9.360	320,0	34,2	7.120	407,4	57,2	51.481	1.838,3	35,7
1987	8.940	320,0	35,8	8.140	404,2 <sup>(1)</sup>	49,6	57.619	2.043,2	35,5
1988	8.700	295,6	34,0	7.800	333,8	42,7	62.875	2.406,8	38,3
1989	9.370	329,1	35,1	7.500	356,0	47,5	64.426	2.175,6	33,8

<sup>(1)</sup> O peso da caixa de 28kg passou a ser considerado de 25kg a partir de 1987 no cálculo da produção em toneladas.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA) e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) para São Paulo e Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o Brasil.

QUADRO 13. Estimativa de Custo Operacional da Cultura de Tomate Rasteiro Irrigado, Produção 40.472kg, por Hectare, Estado de São Paulo, Safra 1989/90

Item	NCz\$		BTN(1)	Participação
	Por hectare	Por tonelada	Por hectare	Percentual (%)
Mão-de-obra	2.683,84	66,31	188,04	4,78
Sementes	1.892,49	46,76	132,60	3,37
Adubos e corretivos	10.344,86	255,61	724,80	18,43
Defensivos	18.593,98	459,43	1.302,77	33,12
Operação de máquinas	11.702,98	289,16	819,96	20,84
Outros (2)	4.428,00	109,41	310,24	7,89
<b>Custo operacional efetivo</b>	<b>49.646,15</b>	<b>1.226,68</b>	<b>3.478,40</b>	<b>88,43</b>
Depreciação de máquinas	5.008,71	123,76	350,93	8,92
Encargos financeiros	1.489,38	36,80	104,35	2,65
<b>Custo operacional total</b>	<b>56.144,24</b>	<b>1.387,24</b>	<b>3.933,68</b>	<b>100,00</b>

(1) Considerando-se o valor do BTN da segunda quinzena de janeiro = NCz\$14,2727.

(2) Refere-se à colheita empreatada.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).